

## Pandemia reforça urgência por soluções sustentáveis

*STEAGALL, Milton. "Pandemia reforça urgência por soluções sustentáveis". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2020.*

A redução das atividades industriais e no tráfego decorrente das medidas de enfrentamento da pandemia da Covid-19 fez com que os níveis de poluição diminuíssem em todo o País. Na região Norte não foi diferente. Em Manaus, a presença de material particulado teve queda de 64% nos dois primeiros meses de isolamento social, de acordo com o levantamento do projeto Atlas ODS Amazonas, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Embora seja muito difundida a ideia de que a poluição em Manaus seja na maior parte resultante das queimadas e incêndios florestais que ocorrem na época da estiagem (de junho a novembro), a principal causa da poluição atmosférica na região é a queima de combustíveis fósseis. Assim como em outras grandes cidades, a atividade industrial e os veículos automotores contribuem significativamente para a emissão de gases, mas, no caso da capital do Amazonas e de outras cidades da região Norte, há o agravante da queima de óleo na geração de energia, principal fonte de poluição atmosférica. Cerca de 73% da eletricidade em Manaus é produzida em usinas termelétricas, sendo 35,5% alimentadas por óleo diesel e 37,5% a gás natural.

Além de provocar doenças respiratórias, que põem em risco a saúde da população e sobrecarregam o sistema de saúde, a poluição urbana é carregada pelo vento e espalhada na floresta amazônica, alterando a composição química da atmosfera e interferindo em processos essenciais para o ecossistema.

De acordo com a máxima de que devemos transformar obstáculos em oportunidades, a pandemia da Covid-19 nos aponta a urgência na redução da poluição atmosférica pelo caminho da sustentabilidade. Substituir os combustíveis fósseis por fontes de energia renovável na geração elétrica é opção inequívoca, pois nossa sobrevivência depende da retomada, tão logo possível, da atividade econômica.

Adicionalmente ao aspecto de sustentabilidade, o uso de combustíveis fósseis na geração de energia tem enorme impacto econômico. O Brasil gasta R\$ 7,5 bilhões na compra de mais de 1,3 milhão de litros de diesel por dia para abastecer as usinas termelétricas que fornecem energia às regiões que não fazem parte do SIN. No ano passado, quando deixou de receber energia elétrica da Venezuela, Roraima passou a consumir cerca de 1 milhão de litros do combustível diariamente. Atualmente, parte da energia consumida no Estado provém de fontes renováveis como biocombustíveis, biomassa e energia solar, além de gás natural. O óleo de palma, por exemplo, abastecerá uma das usinas termelétricas da capital Boa Vista a partir de 2022.

O uso de biocombustíveis produzidos a partir de óleo de palma vem se revelando uma alternativa altamente vantajosa para a geração de eletricidade nas localidades não conectadas ao Sistema Interligado Nacional (SIN). O cultivo da palma é usado na recuperação de áreas desmatadas até 2007, conforme decreto que define o zoneamento agroecológico da palma de óleo, e por possuir níveis elevados de

produtividade e restabelecendo o equilíbrio ecológico. A palma produz em média 5 toneladas de óleo por hectare ao ano, enquanto a soja, matéria-prima mais usada na produção de biodiesel no Brasil, produz 0,7 tonelada de óleo por hectare ao ano. Para além dos aspectos ambientais, a produção de óleo de palma utiliza mão de obra local e promove a agricultura familiar, pois tanto o plantio como a colheita não são mecanizados.

Por proporcionar uma série de vantagens, o biocombustível, também usado na geração de energia em algumas outras localidades do chamado sistema isolado, associado ou não à biomassa, deve ampliar sua participação na matriz elétrica brasileira. Especialmente a partir deste novo contexto que reforça a necessidade urgente de alternativas para um modelo de desenvolvimento mais sustentável.

**Milton Steagall é presidente-executivo da Brasil BioFuels.**